



## ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DE PARTE DA PAISAGEM LITORÂNEA DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ

Rochana Campos de Andrade Lima - Profa. IGDEMA-UFAL [rca.lima@hotmail.com](mailto:rca.lima@hotmail.com)

BenícioEmanuel Omena Monte - Graduando em Geografia UFAL

André Luiz Santos de Albuquerque - Geógrafo

### RESUMO

A zona costeira de Maceió tem sido ocupada de maneira acelerada, desde a década de 80, sendo a área que apresenta maior densidade demográfica do estado. O presente trabalho abrange a planície costeira de Maceió, desde o *inlet* do complexo estuarino lagunar Mundaú-Manguaba ao sul até a foz do rio Jacarecica ao norte. O objetivo do trabalho foi apresentar a evolução da paisagem em dez bairros da planície. Para isto, foram analisados documentos históricos, fotografias aéreas e imagens de satélite. Assim como outras regiões costeiras, Maceió apresenta problemas de ocupação desordenada levando ao adensamento dos bairros costeiros. Com base nesta ocupação e comparando-se mapas antigos com os atuais, verifica-se que a planície passou por modificações progressivas como aterros em áreas úmidas, desaparecimento de dunas, desvios de desembocaduras de rios e retificações de canais, construções de obras costeiras e calçadões. Verifica-se que a ocupação litorânea requer o planejamento para se evitar o rompimento cultural de comunidades como a do Pontal da Barra, o incentivo ao turismo histórico para o bairro de Jaraguá, o ordenamento residencial nos bairros de Cruz das Almas, Jacarecica, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, e o planejamento hoteleiro nos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca.

**PALAVRAS – CHAVES:** paisagem; ocupação; planície costeira

### ABSTRACT

The coastal zone of Maceió has been busy in an accelerated way, since the decade of 80, being the area that presents larger demographic density of the state. The present work embraces the coastal plain of Maceió, from the inlet of the compound estuarine lagunar Mundaú-Manguaba to the south until the mouth of the river Jacarecica to the north. The objective of the work was to present the evolution of the landscape in ten neighborhoods of the plain. For this, historical documents, aerial pictures and satellite images were analyzed. As



well as other coastal areas, Maceió presents problems of disordered occupation taking to the of the coastal neighborhoods. With base in this occupation and being compared old maps with the current ones, it is verified that the plain passed for progressive modifications as embankments in humid areas, disappearance of dunes, deviations of outlets of rivers and rectifications of channels, constructions of coastal works and sidewalks is verified that the coastal occupation requests the planning to avoid the communities' cultural breaking as the one of the Point of Barra, the incentive to the historical tourism for the neighborhood of Jaraguá, the residential in the neighborhoods of Cruz of the Souls, Jacarecica, Pajuçara, Green Tip and Jatiúca, and the hotel planning in the neighborhoods of Pajuçara, Green Tip and Jatiúca.

**WORDS - KEYS:** landscape; occupation; coastal plain

## INTRODUÇÃO

O ambiente costeiro maceioense vem sendo ocupado desde a colonização para diversos fins. No princípio, esta ocupação se processou de forma lenta, com uma série de fortificações para se evitar o contrabando de pau-brasil para a Europa. Entre 1920 a 1940, os ambientes costeiros como as lagoas, rios, riachos, mangues e alagadiços passaram a ser aterrados para que se processasse a expansão urbana da cidade de Maceió.

A partir da década de 90, o governo federal, com finalidade de estruturar estradas, aeroportos, hotéis e *resorts*, e expandir a capacidade de ocupação turística com estrutura adequada, implementou o Programa de Desenvolvimento Turístico para o Nordeste-PRODETUR, com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento-BID. A ocupação da zona costeira vem sendo impulsionada ainda mais, pela atividade imobiliária, através da implantação de condomínios e hotéis ao longo de todo o litoral.

A área de estudo abrange 21,5 km de extensão da linha de costa do município de Maceió, desde o canal de comunicação do complexo estuarino lagunar Mundaú-Manguaba, até o rio Jacarecica, no limite norte que corresponde a área de maior urbanização. O limite continental da área estudada é feito pelas falésias da Formação Barreiras (Fig. 1), perfazendo uma área total de aproximadamente 55 km<sup>2</sup>.

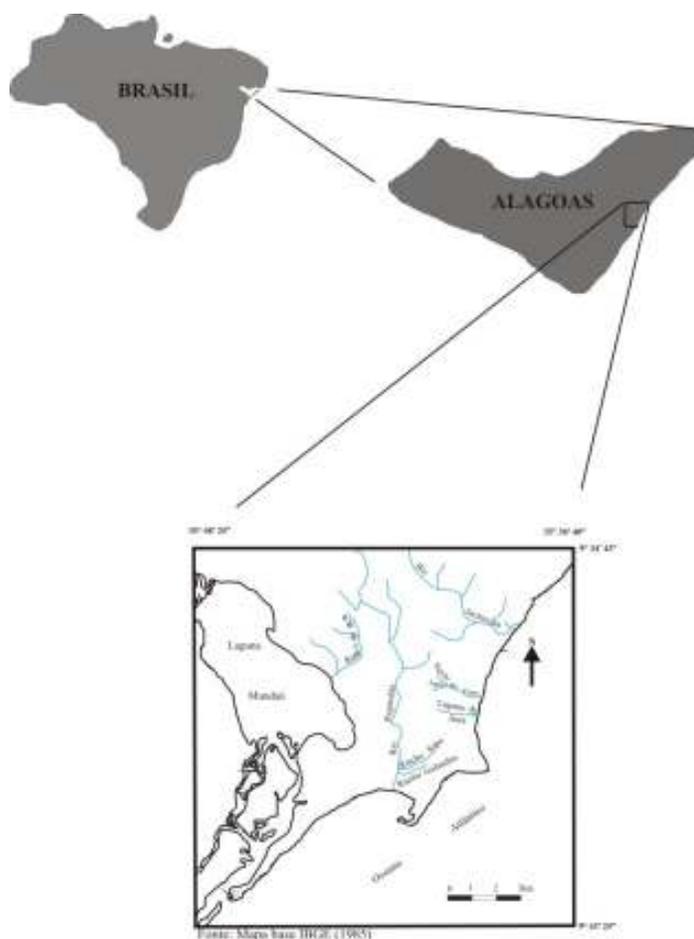


Fig. 1 – Mapa de localização da área em estudo

## MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente foram feitos estudos bibliográficos e levantamento de dados históricos através de cartas, mapas topográficos e geológicos, além dos levantamentos aerofotogramétricos de 1955 (1:20.000 – Cruzeiro do Sul) e 1966 (1:60.000 – Cruzeiro do Sul) na área em estudo.



A divisão dos bairros costeiros seguiu o Mapa de Abairramento de Maceió, realizado no ano de 2000 pelo Instituto Municipal de Planejamento e Ações Regionais (IMPAR, 2000) da Prefeitura Municipal de Maceió, com apoio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (Fig. 2).



Fig. 2 – Mapa de distribuição dos bairros costeiros na área de estudo

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Espíndola (1871), a freguesia de Maceió foi criada em 1673 pelo capitão Affonso Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, por ordem de Dom Pedro II de Portugal. A ordem era construir um forte em Jaraguá para garantir a posse das terras e impedir o contrabando de pau-brasil realizado principalmente pelos franceses. A partir daí os portugueses começaram a povoar a ponta de Jaraguá e a trazer escravos para trabalhar nos primeiros engenhos de açúcar.

Em meados do século XVIII, Maceió era ainda uma pequena comunidade, existindo apenas dois povoados, um nas proximidades da atual praça Dom Pedro II, em frente à atual Catedral e outro próximo ao porto no bairro do Jaraguá.

Em 1815 o povoado passou a vila, e em 1839 a capital passou da antiga Vila das Alagoas ou Vila de Santa Madalena do Sul para Maceió, que, devido às suas condições



marítimas e topográficas, era de todos os pontos da província aquele que melhor condição reunia para ser a capital.

Em 1818, segundo Costa (2001), a Vila de Maceió era um conjunto de ruelas tortuosas e habitações rústicas, com a mata à beira do casario, o pântano da Boca de Maceió (atual Riacho Salgadinho) e os mangues da lagoa.

O primeiro trabalho na área de estudo foi realizado por Brandão em 1914, no qual descreve desde o ano de 1824 os bairros denominados atualmente Pontal da Barra, Trapiche da Barra e as praias da Avenida e do Sobral como um grande brejão com lagoas e canais que se comunicavam com o bairro da Levada, e que estavam sendo aterrados. Na praia da Avenida, “a areia soprada pela ventania dava novas pinceladas no painel daquela praia, modificando o aspecto primitivo do seu campo de dunas”.

O trabalho descrevia ainda que a região do Ouricuri era chamada “Mata dos Paus Secos”, mostrando um manguezal que tinha sido soterrado pela migração do campo de dunas existente naquela região.

Segundo Moreira e Silva (1922), a palavra Maceió, maçai-o-g, Maçai-o-ok, Massayó ou Massaya na denominação indígena significa “tapagem do alagadiço” ou “o que tapou o alagadiço”.

Marroquim (1922) descreve que Maceió em 1900 tinha 70.000 habitantes e três bairros: Jaraguá, Maceió e Jacutinga. No primeiro se localizava o porto e era onde estavam situados trapiches, armazéns, depósitos, bancos, comércio em grosso, repartições de marinha e fisco; no segundo, localizava-se o comércio e o centro administrativo com edifícios públicos, secretarias, quartel e teatro; e o terceiro estava destinado a ser a futura cidade habitável, o bairro familiar por excelência. As outras localidades conhecidas, como Levada, Poço, Pajuçara, Mangabeira, Bebedouro, Cruz das Almas, Jacarecica, Riacho Doce, Meirim, Ipioca, Pontal da Barra e outros sem importância, formavam os subúrbios da cidade.

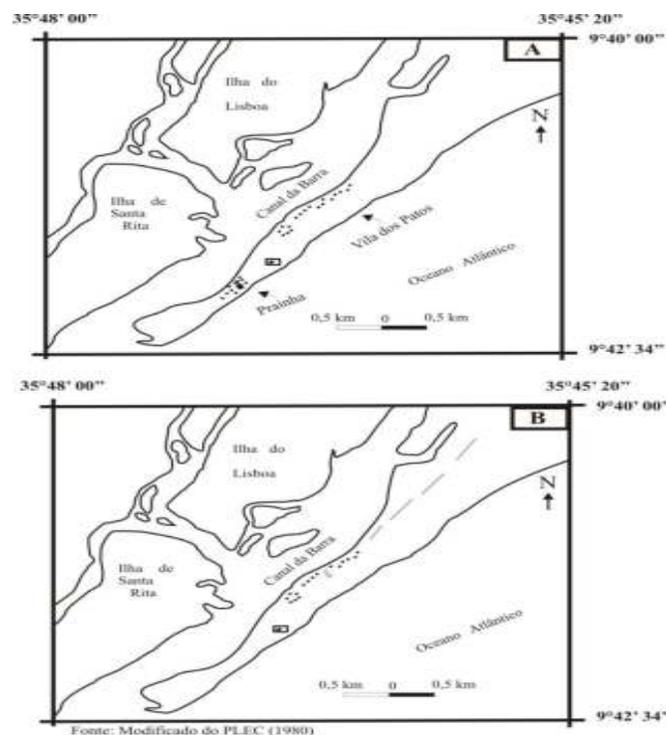
Segundo Sant’Ana (1970), a cidade de Maceió se originou de um pequeno povoado de pescadores no porto de Jaraguá e não de um engenho de açúcar chamado Massayó, que se localizava na atual praça Pedro II, no centro da cidade. Através de dados históricos sabe-se que este engenho moeu apenas duas vezes, por ter-se fixado em local indevido para o cultivo da cana-de-açúcar, obrigando-o a parar de funcionar.



Em 1871, segundo Espíndola, o atual bairro do Pontal da Barra era um agregado de 50 cabanas de palha habitadas por pescadores. A população do Pontal teve origem com os índios, portugueses e holandeses.

O primeiro estudo sobre a evolução histórica do bairro e seu enfoque populacional foi realizado no Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das Lagoas Mundaú e Manguaba - PLEC (1980), onde foi verificado que nos tempos antigos existiam três pontais: o pontal de cima, o pontal de baixo e o pontal atual, chamado Vila dos Patos, que até o início dos anos 80 era formada de pescadores e seus familiares.

O local onde era a Universidade Federal de Alagoas-UFAL e que hoje sedia o DETRAN-AL era um povoado chamado Prainha, onde existiam algumas casas, a Igreja de São Pedro e um cemitério, que foram destruídos pelo mar quando a barra rompeu em 1945 ou 1949 (Fig. 3).



Fonte: Modificado do PLEC (1980)

Legenda

- |                                  |                  |
|----------------------------------|------------------|
| Igreja de Sto. Antônio "prainha" | Cemitério        |
| Casas                            | Igreja do Pontal |
| Estrada de terra                 |                  |

Fig. 3 – Ocupação do bairro do Pontal da Barra

A – Em 1914, B – De 1945 a 1949



Na década de 70, com a implantação da indústria química Salgema, atual BRASKEM, o Pontal passou a conviver com o perigo da poluição e da contaminação. Os veranistas que tinham casa no bairro mudaram-se e só ficaram os nativos do Pontal.

Almeida & Lira (1998) relatam que o nome Pontal vem da ponta arenosa entre o mar e a laguna, e que no passado fazia parte desta área um imenso campo de dunas que, com o crescimento da cidade, foi dizimado pelas empresas da construção civil, que o utilizavam como material para construção.

No final da década de 70 e início dos anos 80, várias áreas foram aterradas novamente para abertura de estradas como o dique-estrada, que circunda o sistema lagunar Mundaú, e a AL 101- Sul, que liga o centro de Maceió ao litoral sul.

Até a década de 50, existia no bairro do Trapiche um campo de dunas móveis paralelo à linha de costa, com altura máxima de 12 metros e uma série de lagoas denotando percursos de antigos canais.

A partir de 1966, boa parte das dunas foi desestruturada pelo processo de ocupação por casas, estradas e outras edificações.

Almeida & Lira (1998) descreveram que o Trapiche é um dos bairros mais antigos de Maceió e seu nome se deve a um armazém que existia no porto, às margens da Lagoa Mundaú, que servia de entreposto onde eram guardados o açúcar e outras mercadorias que vinham dos engenhos de Marechal Deodoro, Santa Luzia, Pilar e outras localidades interioranas, para serem transportados para o porto de Maceió. Esse armazém também era chamado de trapiche, daí o nome do bairro Trapiche da Barra.

Segundo Costa (2001), em 1840 iniciou-se a abertura do canal da Levada para facilitar o trânsito e as relações comerciais com a lagoa do Norte.

Brandão (1919), *In* Lima & Coutinho (1998), no bairro do Prado, em 1620, existia uma barra de comunicação da laguna Mundaú com o mar. Essa barra era denominada de “Sete Coqueiros” e se comunicava com as lagoas do Trapiche, tendo sido aterrada pelo vento nordeste, que espalhou sobre sua bacia toda a areia do campo de dunas.



Em 1829, no antigo local da Barra dos Sete Coqueiros se instalou um brejo paralelo à praia, ligando-se ao sul com as lagoas do bairro do Trapiche e a nordeste com o bairro da Levada.

Mornay (1841) elaborou um mapa que reproduzia parte do bairro do Prado, com suas áreas alagadiças e o riacho Maceió ou Maceió Azul (hoje, riacho Reginaldo) e a lagoa do Olho d' Água ou Negra.

A partir da década de 30, com a maior expansão e ocupação do bairro do Centro, houve uma tendência de se aterrar outras áreas no bairro e abrir novas avenidas, alocando nova área para cemitério.

Em planta elaborada por Américo László em 1932, verifica-se que o bairro do Prado já se encontrava totalmente modificado em relação à planta mostrada por Mornay (1841), apresentando lagoas e alagadiços totalmente aterrados.

O bairro do Centro, como o nome sugere, formava um dos primeiro núcleos de ocupação de Maceió, apresentando, contudo, na sua parte baixa ou planície costeira, dois setores alagados denominados Lagoa Azul, que margeava toda a barreira e ocuparia hoje a rua Barão de Atalaia até a Lagoa Negra no bairro do Prado, e o Riacho ou Lagoa Maceió Azul (atualmente chamada de Riacho Reginaldo), que desaguava na atual praia da Avenida, por trás de onde hoje se localizam as Lojas Americanas.

Em 1866, segundo Costa (2001), foi proposta a construção da ponte de alvenaria sobre o Riacho Maceió no lugar onde se tinha um pontilhão de madeira, para dar melhor escoamento às águas fluviais, que se estagnavam, formando um pântano próximo ao centro da cidade. A ponte foi inaugurada em 1870.

Jaraguá é um dos bairros mais importantes de Maceió, pois foi este o setor costeiro do município de Maceió a ser primeiramente ocupado, devido às suas condições naturais da costa, que facilitavam o fundeamento das naus portuguesas e francesas que levavam o pau-brasil para a Europa.

José Fernandes Portugal elaborou, em 1803, o primeiro mapa que mostrava a região da Ponta de Jaraguá e Pajuçara, no qual estavam representados em Jaraguá o Armazém Real e a Fortaleza que foram construídos a mando do rei de Portugal, para garantir a posse da terra e impedir o contrabando de pau-brasil.



Em 1817, segundo Costa (2001), o bairro de Jaraguá era um areial alvo e escaldante, com as primeiras habitações e a igrejinha de Nossa Senhora Mãe do Povo.

Em 1841, Mornay elaborou um dos mapas mais completos para a área, na época, mostrando o limite sul do bairro de Jaraguá na ponte dos Fonecas e as principais edificações do bairro, como o cemitério dos ingleses, as casas, a fortaleza e os dois trapiches existentes (Fig. 4).

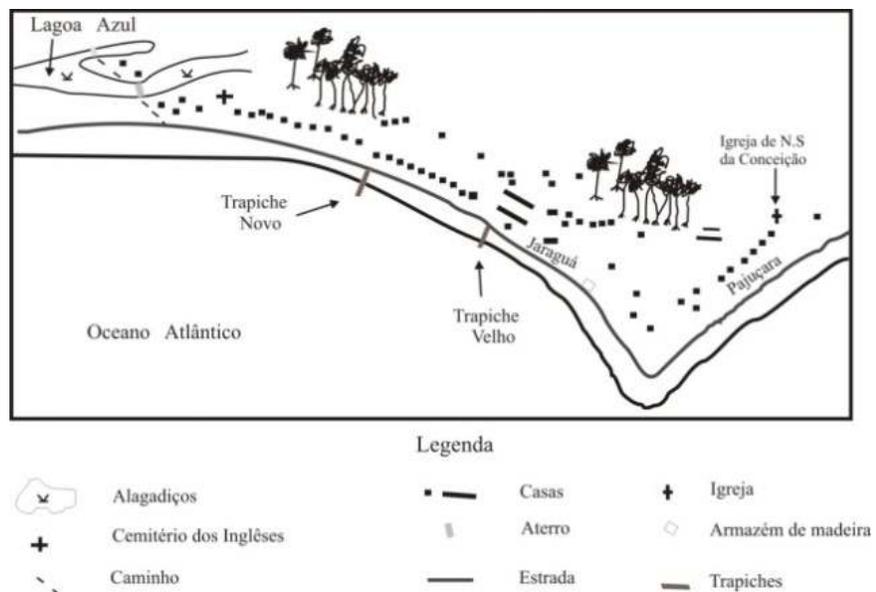


Fig. 4 – Mapa dos Bairros de Jaraguá e Pajuçara realizado por Mornay em 1841

Em 1857, segundo Costa (2001), teve início a construção da ponte sobre o riacho Maceió (atual Salgadinho), o calçamento da rua principal de Jaraguá (atual Sá e Albuquerque) e a estrada ligando Jaraguá ao bairro da Mangabeira, para que os produtos oriundos do norte da província chegassem mais depressa ao porto.

Em 1870 foi realizado o primeiro aterro em Jaraguá, seguindo-se em 1919 os aterros para a abertura das atuais Avenidas da Paz e Duque de Caxias.

Pedrosa (1988) descreve que em 1885 Jaraguá tinha dois arrabaldes, a Pajuçara, que era habitado por pescadores e veranistas, e o Poço, onde existiam sítios e chácaras.

Em 1896 existiam em Jaraguá quatro trapiches que eram áreas de embarques de mercadorias e passageiros denominados de trapiche Segundo, Novo, Jaraguá e do Faustino.



No início do século 20, mais precisamente em 1911, Jaraguá era uma praia com várias gameleiras que foram cortadas para alargamento e calçamento da hoje Rua Sá e Albuquerque, calçamento este que se prolongava até a ponte dos FONSECAS, ligando o bairro de Jaraguá ao Centro.

Em 1917, como pode ser verificado no mapa para a implantação do novo porto de Maceió, existiam 12 trapiches em Jaraguá e um na Pajuçara, de propriedade da fábrica de sabão.

Em 1937, segundo Costa (2001), as ruas comerciais em Jaraguá eram a da Alfândega, (hoje Sá e Albuquerque) e a Barão de Jaraguá. O restante do bairro era residencial, e qualquer pessoa que precisasse de um carretel de linha ou de uma fita de seda teria de ir à cidade, a Maceió, como era chamado o bairro do Centro.

Em outubro de 1940 foi inaugurado o porto de Maceió, iniciando-se assim a desativação dos trapiches e construção do terminal açucareiro e do *pier* petroleiro.

No bairro, existia um riacho chamado de Massayó ou Maceió Azul ou ainda Lagoa Azul, e que atualmente é chamado de Reginaldo ou Salgadinho. Em 1944, a Prefeitura de Maceió deslocou a foz do riacho Salgadinho nas proximidades da praça Sinimbu para o bairro de Jaraguá.

Segundo Mornay (1841), a praia da Pajuçara já foi mais freqüentada por embarcações maiores, encontrando-se hoje aterrada devido aos “currais” feitos no lagamar, de sorte que atualmente só entram algumas “sumacas” com a maré cheia.

Espíndola (1871) descreve a Pajuçara como uma freguesia além do bairro de Jaraguá, com mais de 250 cabanas de palha habitadas por pescadores e com a capela de Nossa Senhora da Conceição, e que em sua enseada os navios eram ancorados para desembarque de mercadorias, existindo um trapiche de propriedade da fábrica de sabão localizada em Jaraguá.

O trapiche de propriedade da fábrica de sabão também era utilizado, às vezes, para o desembarque de passageiros, quando as condições do mar não permitiam o desembarque nos trapiches de Jaraguá. Este trapiche foi demolido em 1930.

Costa (2001) relata que em 1930, na Pajuçara, a vegetação natural da zona de praia cede terreno para as casas residenciais e surge um arrabalde novo, a Ponta da Terra, para onde vai se chegando a mocambaria dos pescadores, expelida da Pajuçara pelas novas construções.



Da Pajuçara se pode dizer que a partir dos princípios do século XX se transformou no arrabalde dos banhos de mar. A princípio as casas se faziam em caráter provisório, para a família passar a temporada de banho, depois o clima agradável prendia-a, e aí se ia fixando.

Atualmente, os poucos casarões que ainda resistem à atividade imobiliária datam do início do século XX, e são ocupados por veranistas de Maceió e do interior.

O bairro da Ponta Verde tem seu nome ligado a uma feição geomorfológica, ou seja, ao promontório formado pelo recife de franja e o “Verde” diz respeito ao coqueiral ora existente na área.

Segundo Lima Júnior (1976), o famoso coqueiro batizado com o nome de Gogó da Ema devido à sua forma singular, existia desde a primeira década do século XX, sendo avistado pelos navios que aportavam em Maceió, e tornando-se atração turística para os que aqui vinham. O coqueiro passou a ser avistado do mar quando este passou a avançar muito, derrubando alguns coqueiros que existiam na sua frente.

Em 1955 o mar avançou ainda mais, pondo em perigo a famosa palmeira, até que em 27/7/55 ela caiu, sendo noticiado no jornal GAZETA de Alagoas pela manchete “Os assassinos do Gogó da Ema”, denunciando o descaso das autoridades com aquela que era uma atração para a população local e turistas. E assim, a prefeitura, no dia 29, reergueu o coqueiro e construiu um muro de alvenaria e traves de madeiras para protegê-lo, porém em janeiro de 1956 ele tombou em definitivo.

Hoje o bairro tem uma taxa de ocupação de 95%, sendo representada por residências, restaurantes e hotéis.

Segundo Almeida & Lira (1998), o nome Jatiúca vem da língua indígena e significa Carrapato. Esse bairro há tempos atrás era um imenso coqueiral pouco habitado, por ser considerado distante da cidade e com estradas arenosas de difícil locomoção.

Hoje, o bairro que é um prolongamento da Ponta Verde, encontra-se quase que totalmente urbanizado, concentrando edifícios, hotéis e restaurantes.

Cruz das Almas e Jacarecica são os bairros do extremo norte da área de estudo, e que no passado eram freguesias do bairro de Jaraguá. Devido a distância do centro de Maceió, foram ocupados, e são ainda hoje em menor proporção, por alguns sítios de coco. O bairro de



Cruz das Almas teve sua ocupação a partir da década de 50 do século passado de forma bastante desordenada, com ruas estreitas e às vezes sem saída.

O bairro de Jacarecica foi assim denominado devido ao rio que faz seu limite norte, chamado pelos índios “rio dos jacarés”. Ele tem sua ocupação na planície costeira um pouco mais ordenada devido aos três conjuntos residenciais estabelecidos na mesma já nos anos 80.

## CONCLUSÕES

A zona costeira de Maceió tem sido ocupada de maneira intensiva, sendo hoje a área que apresenta a maior densidade demográfica do estado. É neste setor do estado de Alagoas que se concentra a maior parte das atividades econômicas, industriais, de recreação e turismo, gerando sérios problemas de ocupação.

Assim como outras regiões costeiras do Brasil, o litoral de Maceió apresenta problemas devido à ocupação urbana desordenada, principalmente a partir da década de 70, quando foram implantados a SALGEMA, hoje BRASKEM, no bairro de Pontal da Barra, e o Pólo Cloroalcoolquímico, no vizinho município de Marechal Deodoro.

Com a implantação destas indústrias, houve um período de grande atividade imobiliária que se intensificou no início dos anos 80, levando ao adensamento dos bairros costeiros, sem no entanto a devida implantação do saneamento básico.

Com base nesta expansão urbana e comparando-se mapas antigos com os atuais, verifica-se que a planície costeira sofreu modificações contínuas e progressivas relativas a aterros em áreas úmidas, desaparecimento de campo de dunas, desvios de desembocaduras de rios e retificações na calha dos canais, construções de obras costeiras como o porto, calçadões e galerias de águas pluviais.

Os bairros localizados no extremo sul da área, como o Pontal da Barra e Trapiche da Barra, são caracterizados por uma população de pescadores e artesãos que, ao longo dos anos, foram absorvendo a atividade comercial, implantando um núcleo gastronômico associado às lojas de artesanato.

Os bairros mais centrais, como o Prado e o Centro, perderam sua característica residencial e vêm passando cada vez mais a serem comerciais e administrativos.



O bairro de Jaraguá, como vem ocorrendo em várias capitais brasileiras, passa por um processo de resgate, com a restauração dos casarios e implantação de um pólo turístico/histórico de eventos, com bares, restaurantes e várias casas noturnas.

Já os bairros da Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca têm dois eixos já consolidados: o setor residencial, de alto poder econômico, e o do turismo, com a maior concentração de hotéis e restaurantes da cidade. Os bairros de Cruz das Almas e Jacarecica são caracteristicamente residenciais.

Verifica-se que a ocupação litorânea dos bairros enfocados requer do poder público o planejamento necessário para se evitar o rompimento cultural de comunidades como a do Pontal da Barra, o incentivo na área de turismo histórico para o bairro de Jaraguá, o ordenamento residencial nos bairros de Cruz das Almas, Jacarecica, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, e o planejamento hoteleiro para os bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M. de; Lira, S. L. dos S., 1998. *A História de Maceió para Crianças* - Edição Catavento – Recife, 108p.
- BRANDÃO, O., 1919. *Canais e Lagôas*. Jacinto Ribeiro dos Santos 82, RJ. 186p.
- COSTA, A. C., 2001. *Maceió: Clássicos de Alagoas*. Edição Catavento. 180p.
- ESPÍNDOLA, T. do B., 1871. *Descrição Physica, Política e Histórica da Província das Alagoas*. Typografia do Liberal, 2º edição. Maceió-AL.
- IBGE. 1985. Mapa topográfico folha Maceió (SC.25-V-C-IV-2), na escala 1: 50.000
- LÁSZLÓ. A., 1932. Planta da Cidade de Maceió. *Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*.
- LIMA, R. C. de A., 2004. Evolução da Linha de Costa a Médio e Curto Prazo Associada ao Grau de Desenvolvimento Urbano e aos aspectos Geoambientais na Planície Costeira de Maceió. Recife. 153p. Tese de Doutorado em Geociências, Universidade Federal de Pernambuco.
- LIMA, R.C. de A.; Coutinho, P N., 1998. Modelo Evolutivo do Sistema Estuarino Lagunar Mundaú – Manguaba. *Boletim de Estudos de Ciências de Mar*. N°10. p 139-154. Maceió-AL.



LIMA JÚNIOR, F., 1976. *Maceió de Outrora*. Arquivo Público de Alagoas/ Serviços Gráficos de Alagoas S.A. Maceió-AL. 141p.Vol.I.

MARROQUIM. A. D., 1922. *Geographia Politica*. In Terra das Alagoas. MCMXXII. Editori Maglione & Strini. Succ. E. Loescher .Edição Fac-Similar, Brasil 2000, 294p.

MOREIRA e SILVA, M., 1922. *Physiografia de Alagoas*.In Terra das Alagoas. MCMXXII Editori Maglione & Strini. Succ. E. Loescher .Edição Fac-Similar, Brasil 2000, 294p.

MORNAY, C., 1841. Planta da Povoação de Jaraguá. *Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*- IHG/AL.

PEDROSA, J. F. de M., 1998. *Histórias do Velho Jaraguá*. Gráfica e editora Talento, Maceió-AL. 221p.

PLEC. 1980. Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das Lagoas Mundaú e Manguaba. Secretaria de Planejamento de Alagoas – SEPLAN, SUDENE e Coordenação de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CDCT. Vol. I e Vol. II, 597p. Segunda Edição (Ampliada).

PORTUGAL, J. F., 1803. Planta das Enseadas de Jaraguá e Pajuçara. *Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*.

SANT'ANA, M. M. de., 1970. *Contribuição à História do Açúcar em Alagoas*. Recife: IAA; Museu do Açúcar,30p.